



**AS FACES DO DUPLO EM MACHADO DE ASSIS E AUGUSTO MEYER:  
O REFLEXO NO ESPELHO E NAS ÁGUAS DA SANGA.**

**THE FACES OF THE DOUBLE IN MACHADO DE ASSIS AND AUGUSTO  
MEYER: THE CONSEQUENCE IN THE MIRROR AND IN WATERS OF  
THE SANGA.**

Ana Paula da Costa \*

**RESUMO:** Machado de Assis é considerado um dos maiores escritores do realismo e possui uma obra transcendental, ao passo que Augusto Meyer é mais acessado como crítico do que como poeta. Este trabalho pretende privilegiar um estudo de um conto da prosa de Machado e um poema que compõe a poesia de Meyer, sendo que ambos retratam um dos temas mais comuns desde a antiguidade clássica até a modernidade contemporânea, o mito do duplo, a constante busca de si mesmo, através de reflexos, seja no espelho ou na água. Procurar-se é deparar-se com o outro, o duplo, a identidade cindida, de modo que o encontro com um ser definitivo permanece apenas como um anelo, e o duplo se impõe como um dos *leitmotifs* que assinalam a prosa e a poética evidenciadas.

**PALAVRAS – CHAVE:** Mito – Duplo – Reflexo – Prosa – Poesia.

**ABSTRACT:** Machado de Assis is one of the biggest writers of the realism is considered and possesss a transcendental workmanship, to the step that Augusto Meyer is more had access as critical of that I eat poet. This work intends to privilege a study of a story of chats of Machado and a poem that composes the poetry of Meyer, being that both portray one of the subjects most common since the classic antiquity until modernity contemporary, the myth of the double one, the constant search of itself exactly, through consequences, either in the mirror or the water. To look itself is to come across itself with the other, the double one, the cindida identity, in way that the meeting with one to be definitive only remains as one I curl, and the double one if it imposes as one of leitmotivs that they designate it chats and the poetical one evidenced.

**KEYWORDS:** Myth - Double - Reflected - Prose - Poetry.

O mito do duplo vem sendo discutido desde a literatura greco-romana da Antiguidade até os dias atuais. A dupla personalidade parece ser algo que está impregnado no ser, algo que todos nós, seres humanos, possuímos, a divisão de nosso eu em um “ego”

---

\* Mestranda do Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás - Área de concentração: Estudos Literários. Goiânia-GO. Especialista em “Leitura e Ensino” pela Universidade Federal de Goiás - Campus de Catalão. Email: [apaulla\\_costa@yahoo.com.br](mailto:apaulla_costa@yahoo.com.br)



e em um “alter ego”. Na Antiguidade, os duplos eram simbolizados pelos gêmeos, irmãos próximos ou sócias, mas a modernidade, buscando expressar os conflitos mais comuns dos seres humanos, expressa o mito do duplo de forma a mostrar a busca do Eu que se converte no encontro com o Outro Eu.

O mito do duplo, no Ocidente, acha-se em estreita ligação com o pensamento da subjetividade, lançado pelo século XVII ao formular a relação binária sujeito-objeto, quando até então o que prevalecia era a tendência à unidade. Essa posição - concepção unitária de mundo/ concepção dialética - é refletida reviravolta que sofre o mito literário do duplo. Desde a Antiguidade até o final do século XVI, esse mito simboliza o homogêneo, o idêntico: a semelhança física entre duas criaturas é usada para efeitos de substituição, de usurpação de identidade, o sócia, o gêmeo é confundido com o herói e vice-versa, cada um com sua identidade própria. A tendência à unidade prevalece também quando um personagem desempenha dois papéis. (BRUNEL, 1998, p.264).

O arquétipo da dualidade universal, do duplo, assume uma forma específica e especular, manifestando seu próprio conjunto de leis únicas e auto-referenciais. É uma temática vastamente utilizada no século XIX, representando o humano como um ser dividido entre um ‘eu’ e um ‘alter ego’. Considerada como arquétipo e imagem, a representação do duplo parece inicialmente clara e acessível, embora logo se mostre indefinível e desconcertante. Um exame mais profundo revela, de maneira dramática, sua natureza fluída e enigmática, que escapa de esquemas meticulosamente organizados do real.

A constante busca de si mesmo, de uma identidade precisa, a busca de conhecer essa dupla personalidade é recorrente na literatura moderna, mormente pelo fato de que os poetas modernos visam na criação de suas poesias a exposição dos conflitos humanos mais atuais. O mito do duplo é recorrente na modernidade porque nessa época não se tem a ilusão da personalidade Una do Renascimento; ilusão forjada por uma época que colocava ser humano no centro do universo. O homem moderno perdeu a centralidade renascentista. É um estilhaçado. A Literatura flagra essa pulverização do ser. Concebemos a modernidade poética, na esteira de Octavio Paz em *Os Filhos do Barro* (1984), como o estilo que começa com o romantismo alemão e trava uma ruptura com os moldes clássicos da literatura. No romantismo, opera-se uma fratura entre o artista e a sociedade. O artista não se reconhece na sociedade burguesa, nos valores filistinos, na cidade que se moderniza sob a égide do progresso técnico. Dessa fratura entre o eu e o mundo decorre uma cisão no



próprio ser. É por isso que, a partir do romantismo, assistimos a um *boom* de obras que atualizam o mito do duplo. Tal mito é recorrente na literatura de todos os tempos. É um assunto de grande repercussão, pois remonta ao conflito de todos os seres humanos, a busca de si mesmo, o desdobramento do Eu que se pensa e que, ao mesmo tempo, se coloca como objeto de reflexão.

O duplo pode ser representado pelo reflexo no espelho (como no conto “A noite de São Silvestre”, de Hoffmann), pelo sócia, o gêmeo, o parceiro ou pela própria consciência que assume forma humana (caso de “William Wilson”, de Edgar Allan Poe), pelo retrato (um exemplo é o romance *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde) ou pela sombra (como na *A maravilhosa história de Peter Schlemihl*, de Adalberto von Chamisso). A sombra simboliza seguidamente a alma no imaginário coletivo, de modo que perdê-la significa deixar de ter alma. É o que ocorre na narrativa de Chamisso, acima citada, em que o protagonista faz um pacto com o diabo em troca de sua sombra. E por último, o duplo pode ser representado pela cisão do Eu em um “ego” e um “alter ego”. Nosso estudo neste trabalho se pauta através da observação dessa bipartição do indivíduo, tanto na prosa do realista Machado de Assis, quanto na poesia modernista de Augusto Meyer.

De acordo com Cánovas (2004, p.211) no século XX, o duplo assume, sobretudo, feição da cisão do eu interior, do problema da identidade, da fragmentação da personalidade, da relatividade espaço-temporal e da fragilidade dos limites entre imaginário e o princípio da realidade. Procurar-se é deparar-se com o outro, com a identidade cindida, com o duplo, de modo que o encontro definitivo consigo mesmo torna-se apenas um mito, um desejo de se encontrar de verdade. Mas sempre que pensa ter encontrado a si mesmo, o ser humano se depara com o Outro, com aquele ser desconhecido que busca conhecer, mas que parece estar cada vez mais distante e mais intransponível. Tal aspecto é constantemente explorado pelos poetas em suas obras, com as quais buscam retratar os conflitos mais antigos que refletem na atualidade dos seres humanos.

Tendo em vista a cisão do próprio ser, observamos que muitos autores fazem disso um dos pontos-chaves de suas obras e buscam na personalidade oscilante de todos os seres humanos, ora boa ora má, uma atualização de suas obras. Podemos observar isso tanto em Machado de Assis no conto *O Espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana* e em Augusto Meyer, sobretudo no poema *Sanga funda*. Na prosa de Machado e na poesia de Meyer observamos a atualização do mito do duplo.



Já no início do conto de Machado de Assis podemos observar a cisão do Eu, pois o próprio título nos oferece subsídios para tal conclusão, *O Espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana*. O espelho representa claramente a noção de ver-se duplicado. Segundo Otto Rank (1939 p.89-97):

a duplicação do ser se dá através da sombra, da imagem ou até mesmo do próprio reflexo; os povos primitivos acreditavam que aquele que não possuía uma sombra e nem um reflexo, morrera [...] o homem tem uma existência dualista, uma visível e outra invisível, esta última só pode ser percebida quando a personalidade consciente adormece ou então, quando o indivíduo se vê refletido, seja nas águas ou em espelhos. O homem primitivo considera a sombra ou a imagem refletida no espelho ou nas águas o seu misterioso duplo, como um ser espiritual, porém real.

O narrador de Machado nos revela fatos semelhantes às descrições de Otto Rank (1939), ao afirmar que “não há uma alma, há duas... nada menos de duas almas. Cada criatura traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro...” (ASSIS, 1992, p. 346) desta forma observamos em Machado um narrador que expõe, de acordo com o título do conto, um dos conflitos mais antigos do ser humano, a cisão do eu; a alma exterior seria aquela que revela como o indivíduo é visto, e “pode ser representada por um espírito, um fluido, um homem, um objeto, uma operação” (ASSIS, 1992, p. 346); já a alma interior, é a que revela como o ser é de fato; esta verdadeiramente diz do indivíduo o que muitas vezes ele quer saber, ou até mesmo esconder.

De acordo com Antônio Cândido (1995, p. 27) observamos na obra de Machado de Assis “que um dos problemas fundamentais é o da identidade. Quem sou eu? O que sou eu? Em que medida eu só existo por meio dos outros? Eu sou mais autêntico quando penso ou quando existo? Haverá mais de um ser em mim?”. No conto *O Espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana*, o espelho é o objeto que representa a problemática da divisão do ser.

Jacobina, o narrador de Machado nos relata um fato ocorrido consigo quando aos seus 25 anos, na época em que foi nomeado alferes e foi à casa de uma tia a passeio. Lá, ao ficar só, pois sua tia ausentou-se da fazenda por alguns dias, viu-se como “um defunto andando” (ASSIS, p. 349). Sozinho na fazenda, Jacobina passa a ser a única companhia que possuía, e como ele mesmo revelou no início de sua narração, o “homem possui duas almas” (ASSIS, p. 346) é justamente como um ser cindido que Jacobina se vê, “durante alguns dias as duas naturezas de sua alma equilibraram-se; mas não tardou que a alma do



homem cedesse à alma de alferes; restou uma parte mínima de humanidade; o alferes eliminou o homem” (ASSIS, p. 348).

O espelho sugere a alegoria da sombra perdida, corrente na demonologia e tornada famosa no Romantismo pelo *Peter Schlemihl*, de Adalbert Von Chamisso (Cândido, 1995, p.28). Jacobina é um moço, nomeado Alferes da Guarda Nacional (a tropa de reserva que no Brasil imperial se tornou bem cedo um simples pretexto para dar postos e fardas vistosas a pessoas de certa posição social), vai passar uns tempos na fazenda de sua tia. Esta, orgulhosa com o fato, cria uma atmosfera de extrema valorização do posto chamando-o e fazendo com que os escravos o chamassem a cada instante “Senhor Alferes”. De tal modo que esse traço social acaba sendo uma “segunda alma”, indispensável para a integridade psicológica da personagem. Dali a dias a tia precisa viajar com urgência e deixa a fazenda a seu cargo. Os escravos aproveitam para fugir, ele fica na solidão mais completa e chega às bordas da dissolução espiritual, desde que não tinha mais coro laudatório que evocava o seu posto a cada instante. A tal ponto, que olhando certo dia no espelho vê que a sua imagem aparece quase dissolvida, borrada e irreconhecível. Ocorre-lhe então a idéia de vestir a farda e passar algum tempo todos os dias diante do espelho, o que o tranquiliza e lhe restabelece o equilíbrio, pois sua figura se projeta de novo claramente, devidamente revestida pelo símbolo social do uniforme. Quer dizer que a integridade pessoal estava, sobretudo, na opinião e manifestações dos outros; na sociedade que o uniforme representa e naquela parte do ser é a projeção na e da sociedade.

Com o espelho no quarto, Jacobina, após ficar só, não tivera coragem de olhar-se uma vez sequer na cavidade refletora. Seu maior receio era de encontrar-se dois ao invés de apenas um, porém ao fim de oito dias, decidiu olhar-se e por estar sozinho, desejava de fato, ver-se dois. E ao tentar observar-se, o que conseguiu ver, foi apenas sombra de sombra, um reflexo com gestos iguais aos seus, contudo, com traços turvos e soltos. Num impulso repentino, Jacobina, lembrou-se de vestir a farda de alferes e constatou que apenas ao usar a farda conseguia ver sua figura integral. Ao ficar só, o personagem-narrador sentiu como se sua alma exterior estivesse ido embora junto com a tia e os escravos que fugiram, todavia, ao olhar-se fardado e conseguir observar seus traços como eram de fato, Jacobina encontrou, enfim, sua alma exterior, ela encontrava-se recolhida no espelho. Desta forma, foi como se alma exterior e alma interior estivessem mais próximas do que nunca estiveram, para assim, atravessarem os dias de solidão que se seguiam.



O espelho vai refletir a transformação sofrida pelo Eu no processo de ascensão mística. O êxtase aprofunda-se e se torna um verdadeiro exercício de alcance do Absoluto através do próprio reflexo.

Umberto Eco afiança que, “o fato de a imagem especular ser, entre os casos de duplicatas, o mais singular, e exibir características de unicidade, sem dúvida explica por que os espelhos têm inspirado tanta literatura”. (1989, p. 20). Sendo assim, o duplo, como *motif* da literatura, é um artifício bastante complicado. Refere-se a espelhos, sombras, fantasmas, aparições, retratos. No espelho, somos duplicados, e poucos de nós têm a chance de descobrir, como Alice, o que está do outro lado. O duplo assemelha-se ao referente; reproduzido, reduplicado, conquista uma autonomia sem precedentes, na medida em que o próprio sujeito se intimida com sua existência. A realidade do duplo e a compulsão em escamoteá-lo acabam por fazer com que seu Eu transite incessantemente de um pólo ao seu contrário.

A farda do Alferes era também a alma do Alferes, uma das duas que todo homem possui, segundo o narrador, porque manifesta seu “ser através dos outros”, sem o que nada somos. É claro que a força do conto não vem desta conclusão banal, alias enunciada expressamente pelo autor, conforme é seu habito em tais casos. Vem da utilização admirável da farda simbólica e do espelho monumental no deserto da fazenda abandonada, construindo assim, uma espécie de alegoria moderna das divisões da personalidade e da relatividade do ser. (CANDIDO, 1995, p. 29)

O espelho em Machado configura, então, no que Todorov (1975) define como sentido alegórico. “O sentido alegórico da imagem é indireto, mas claramente indicado” (TODOROV, 1975, p. 75). É claramente notável a significação do espelho, o autor não nos diz que se trata de uma alegoria da alma perdida, porém vemos que somente de frente ao espelho fardado, que Jacobina encontra-se consigo mesmo, sendo desta forma o espelho a alegoria da alma perdida e enfim, encontrada.

O que observamos nesse conto de Machado de Assis é a busca da alma perdida, da personalidade cindida, sendo desta forma um dos autores mais modernos de seu tempo, ao atualizar uma grande aflição humana, o fato de sempre tentar se encontrar como indivíduo, de descobrir quem é de fato.

Os tormentos e do homem e as iniquidades do mundo aparecem sob um aspecto nu e sem retórica, agravados pela imparcialidade estilística, tão comum em Machado. A sua técnica consiste essencialmente em sugerir



as coisas mais tremendas da maneira mas cândida (como os ironistas do século XVIII); ou em estabelecer um contraste entre normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial; ou em sugerir, sob aparência do contrario, que o ato excepcional é normal, e anormal seria o ato corriqueiro. Ai encontra-se um dos maiores motivos de sua modernidade. (CANDIDO, 1995, p. 27)

*O Espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana* sob a forma branda, é o problema da divisão do ser ou do desdobramento da personalidade. Sob a forma extrema, é o problema dos limites da razão e da loucura, que nos chama muita atenção na obra de Machado de Assis e configura em um dos principais temas de sua obra.

Percebe-se em narrativas modernas, que o fenômeno do duplo surge como representação de uma cisão interna. Revela-se seguidamente como uma experiência inquietante, em que o sujeito se vê como outro em face de um ser com quem muito se parece, mas não o é de fato. De acordo com Ana Mello (2000):

Na Literatura Brasileira, o tema do duplo esta presente desde a obra de Machado de Assis. No conto “O Espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana”, Machado explora a teoria da duplicidade da alma e vale-se do motivo da imagem não refletida no espelho, dando-lhe um tratamento alegórico, já que, com esse recurso, mostra que o protagonista vê sua imagem difusamente refletida no espelho quando esta sem a farda de alferes. Essa indica a ascensão social alcançada e a conseqüente aprovação externa. Eis como o protagonista do conto, Jacobina, relata a experiência vivida diante do espelho: “Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo, não me estampou a figura nítida, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra”. Ao relatar a experiência da juventude, Jacobina deixa implícito que a maturidade deu-lhe outra compreensão de vida, uma vez que narra criticamente a experiência e logo que termina, retira-se do recinto sem mais comentários. (MELLO, 2000, p. 120-121).

Através da noção do duplo, toda problemática da identidade pessoal e das relações que nós temos com as imagens, mas também com o nosso Eu profundo, nossa obscuridade e nossos medos se acham reunidas. Desta forma Jacobina se vê; estando sozinho na fazenda, é que se descobre e conhece seus medos mais profundos e reconhece que seu reflexo por si só nada era se estivesse sem farda. Por ser a nossa face escondida é que a significação do duplo é difícil de captar e nos toca com tanta força. A universalidade de tal tema indica uma referência claramente antropológica, ao mesmo tempo transcultural e trans-histórica. O mito do duplo é constantemente retomado porque fala da essência e da existência do ser, colocando em xeque a unidade psíquica, tão mais significativa quanto



frágil. Enfim, é na alteridade, relevada em diferentes situações, que o Eu descobre faces inusitadas de si mesmo.

Além do espelho, objeto decisivo na bipartição do ser, podemos observar que o próprio Jacobina é um ser dividido. Jacobina é o homem, o adulto e Joãozinho, de acordo com Bosi (1982, p. 247), é o outro Jacobina, aquele rapaz inocente que amadureceu com a descoberta da segunda alma refletida no espelho. Ou melhor, com a descoberta de que “não há para a alma interna outra saída senão a integração a qualquer custo na forma dominante”. (BOSI, 1982, p. 247).

Após olhar-se no espelho, Joãozinho/Jacobina declara: “Daí em diante, fui outro”. (ASSIS, 1992, p. 352). “O que separa o último (Joãozinho) do primeiro, o narrador da história narrada, é, simples e brutalmente, a passagem de classe, o aprendizado das aparências”. (BOSI, 1982, p. 247).

A construção do conto sobre o tema da divisão/duplicação é ligada, obviamente, ao título da obra: *O Espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana*. No conto, tudo é reflexo, nada é verdade. Desde o clima etéreo da casa “cuja luz fundia-se misteriosamente com a lua que vinha de fora”, até o aspecto fantástico que assume a história do alferes, o conto parece ser uma especulação (“esboço”) nada séria sobre a fragilidade das idéias sustentadas pelo materialismo científico da sua época.

*O Espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana* seria então, através do recurso da ironia, uma forma de desmascaramento da sociedade e, mais especificamente, dos defensores do cientificismo positivista. Através da ironia - “esse movimento ao canto da boca, cheio de mistério” (ASSIS, 1992 p. 347) -, *O Espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana* acaba tendo a função que a máscara na cultura popular tivera, na opinião do crítico russo Mikhail Bakhtin, “A máscara é a negação da coincidência estúpida consigo mesmo; a máscara é a expressão das transferências, das metamorfoses, das violações de fronteiras naturais, da ridicularização, dos apelidos...” (BAKHTIN, 1996, p. 35).

Neste artigo a questão da ridicularização da sociedade e o desmascaramento da mesma, foram citados apenas a título de conhecimento. Retomemos novamente nosso assunto principal: a busca de si mesmo. Observamos que Machado opta neste conto pelo desmascaramento do ser, como se os indivíduos agissem continuamente sob a necessidade da impostura e da mentira, representando papéis que não corresponderiam à sua verdadeira essência. Sob este ângulo, o conto *O espelho* exemplifica a tese pelo seu contrário: Jacobina



apenas se realiza ao “vestir” a alma exterior, isto é, o fardamento de alferes que lhe dá segurança, sensação de poder e respeitabilidade. Sem ela, o rapaz sente-se desamparado e medíocre. “O espelho é o aprendizado das aparências” (BOSI, 1982, p. 247).

Nesta constante busca de si mesmo e no mesmo âmbito de Machado de Assis, podemos observar Augusto Meyer, que assim como Machado apresenta essa cisão do Eu interior com o Eu exterior e o encontro entre ambos. O que difere os autores é o fato de Machado apresentar a temática do duplo através da prosa e Meyer através da poesia.

Augusto Meyer é o maior poeta do modernismo gaúcho, mas não é muito conhecido como poeta e, tampouco, acessado, talvez porque o modernismo brasileiro se resume ao modernismo paulista. É mais conhecido como exímio crítico que é. Podemos observar que Augusto Meyer traz em suas poesias a constante busca de si mesmo, de uma identidade precisa, uma eterna busca de conhecer seu duplo, expondo assim, um conflito que começou na Antiguidade Clássica, com os sócias, e agora, o mito do duplo expõe um dos conflitos humanos mais antigos e ao mesmo tempo mais atuais, a busca de si mesmo. O mito do duplo está constantemente presente na modernidade, pois neste período a personalidade não é mais única, como se pensava no Renascimento, o homem deixa de estar no centro do universo. O ser humano moderno se vê despedaçado. Essa cisão é percebida e exposta na Literatura, é como um flagrante da pulverização do ser. Tomando como exemplo da personalidade cindida do homem em Meyer, temos o poema *Sanga Funda*.

Vem ver esta sanga funda  
com remansos de água clara:  
lá em baixo o céu se aprofunda,  
a nuvem passa e não pára.

Numa cisma vagabunda,  
olhando-me cara a cara,  
quantas vezes me abismara:  
água clara... alma profunda...

E que estranho era o meu rosto  
no momento em que o sol-pôsto  
punha uns longes na paisagem!

Aprendi a ser bem cedo  
segredo de algum segredo  
imagem, sombra de imagem...  
(Meyer, 1957, p.14).



*Sanga Funda* trata-se de um poema que segue os moldes clássicos do soneto, dois quartetos e dois tercetos. Podemos observar que no soneto o último verso possui a incumbência de encerrar um questionamento, rematando os versos anteriores. O que Meyer faz no último verso é realmente isso, encerra o pensamento, pois o final do poema nos remete à idéia central de sua obra: a busca de si mesmo e nesta busca, “imagem, sombra de imagem...”, o que resta ao ser é simplesmente contentar-se com o fato de o encontro consigo mesmo se reduzir apenas em descobrir seu duplo como a sombra de si próprio.

As rimas são um dos artifícios mais usados pelos poetas para enriquecer a linguagem do poema. As rimas, além de enriquecer a linguagem do poema, auxiliam-nos na apreensão do seu sentido e das imagens que são projetadas através do ritmo que elas dão ao poema. O poeta demonstra não ter se preocupado apenas em rimar as palavras e sim dar às mesmas, vida para que pudéssemos transportá-las em nossa mente como devem realmente ser interpretadas (“funda” e “profunda” remete-nos a idéia de água que possui vasta profundidade; “rosto” e “sol-pôsto”, projeta em nossa mente realmente o momento do por do sol e o reflexo projetado por este no rosto do eu-lírico). Além disso, pode-se notar que todas as rimas são graves ou femininas, nas quais rimam-se apenas as palavras paroxítonas. Há também assonância muito forte das vogais “a”, “e”, “o”, predominando o “a”; a aliteração se faz a partir da repetição das consoantes “P” e “d”, notadamente, a assonância e a aliteração, assim como as rimas, possuem o artifício de nos prender a leitura do poema, conseqüentemente no efeito que as palavras produzem e no seu real significado.

Podemos observar ainda que ocorre o encadeamento ou *enjambement*, que é a continuação do sentido de um verso no verso seguinte, o poema é todo composto por *enjambement*. O *enjambement* se dá em especial no último terceto, onde cada verso dá continuidade ao anterior (“Aprendi a ser bem cedo/ segredo de algum segredo/ imagem, sombra de imagem...”), configurando assim o sentido essencial do poema, a busca de si que se transporta para o encontro com o outro que é apenas sombra de si mesmo.

A obra *Poesias*, escrita em 1957, e, juntamente com os poemas já escritos por Meyer, foram anexados outros, como “Sanga Funda”, que trazem uma data de escritura proposta pelo poeta que parece não se coadunar com a maturidade de alguns poemas. Tal maturidade só será encontrada de fato nas obras escritas entre 1950 e 1955, que são os *Últimos Poemas* de Meyer. “Sanga Funda” está inserido na obra *Alguns Poemas*, mas



assemelha-se aos *Últimos Poemas* de Meyer e integraria com facilidade a eles, pois nesta última obra a busca de si configura-se mais madura e acentuada e a angústia de não se encontrar também se aguça ainda mais. Retrata, como nos outros, a busca de si e o encontro, não consigo mesmo, mas com o outro que habita dentro do eu-lírico e conseqüentemente, de cada um de nós.

A palavra “Sanga”, recorrente no léxico de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, segundo dicionários, como o *Aurélio*, quer dizer “escavação funda produzida pelas chuvas ou por correntes subterrâneas”; então o título do poema significaria que o eu-lírico está diante de um buraco fundo, mas muito fundo, feito pela água da chuva. Tal escavação ainda repleta de água da chuva, porém muito clara, daquelas que através dela, há a possibilidade de ver o céu, repleto de nuvens, é como se o céu se afundasse dentro das águas. E ao se aproximar dessa sanga, o eu-lírico vê-se “cara a cara” consigo mesmo e ao tentar se ver, numa construção de seu auto-retrato, se vê diante de seu duplo. A água está bastante clara, mas a alma, esta que ele desconhece, mas que busca conhecer, está sim, muito profunda, quase que intransponível. Ao ver seu rosto refletido na água, o “eu” acha-se estranho, pois o que vê não é a si próprio, é apenas uma sombra, uma imagem.

A água no poema de Meyer funciona como uma espécie de espelho, no qual o Eu se vê refletido, porém, percebe que não se trata de apenas um reflexo, e sim do encontro com seu Outro Eu.

Em Meyer “o espelho é, sobretudo, móvel de dissociação e a imagem do Outro que ele reflete não encontra a do seu eu. Ao contrário, entram ambas em conflito”. A superfície refletora é local de inquietação, em lugar de reconstituir a unidade na imagem projetada, o espelho registra a divisão do ser em essência e aparência. “Mas os constantes auto-retratos que se multiplicam nos mais diversos textos, ao contrário de significarem renovado deleite de autocontemplação, serão expressões da angústia do eu-lírico que se tortura na compulsão de conhecer a sua essência” (CARVALHAL, 1984, p. 51 e 56).

Conforme o próprio eu-lírico afirma, aprendeu desde cedo que o “eu” não é único, que por trás dele, sempre existe o “outro”, o desconhecido; alguém que é um segredo de algum segredo seria basicamente a idéia de que eu não me conheço direito e ao tentar me conhecer, estou de frente com outro segredo, não com o que eu buscava desvendar, mas com aquele que não conheço e se faz um segredo ainda maior de que o segredo do “eu”, é o segredo chamado de “outro”, que nasce da cisão do eu com o mundo. Tendo essa



personalidade partida, o ser que se indaga aprende que ao mesmo tempo em que pode ser um “eu”, pode ainda ser uma mera imagem ou uma sombra, pois não se conhece a fundo e quando tenta fazê-lo, se vê de frente com um outro que não é o seu verdadeiro “eu” e que se conhece menos ainda, que é o segredo de algum segredo que guarda.

O eu-lírico parece estar certo do que sente, só que ao mesmo tempo mostra-se um pouco contrário à maneira que está sentindo, parece haver uma certa confusão de graus sentimentais dentro do seu ser. Isso se comprova quando nos deparamos com um oxímoro (onde os termos de significados contrários são agrupados simultaneamente numa mesma unidade de sentido). A presença dos oxímoros perpassa algumas partes do poema, como no primeiro quarteto no qual reúne a idéia de sanga funda e logo em seguida água clara, algo que é fundo conseqüentemente será escuro. Aqui não, a água está clara. Esse propósito de reunir termos aparentemente opostos para compor um significado aqui se dá pelo fato de que a escavação é funda, porém a água é clara a ponto de o sujeito se ver refletido nessas águas; e o céu está em baixo e se aprofunda, normalmente o céu ficaria em cima, mas a questão de estar “em baixo” remonta à idéia de estar refletido nas águas da sanga; outro oxímoro que aparece, está no segundo quarteto, no fato de a água ser clara e a alma ser profunda, a água na qual o corpo está refletido logicamente é clara, porém a alma encontra-se profunda escondida, sem se revelar, de nada adianta buscá-la nas águas, ela está no mais obscuro e profundo do ser.

Outro assunto interessante que vale ressaltar é a questão das reticências. Meyer começou a escrever sob influência do Simbolismo, estilo que teve larga projeção no Rio Grande do Sul. As reticências constituem um recurso gráfico usado à exaustão por simbolistas, que queriam dizer além das palavras, expressar o indizível. Mário Quintana, contemporâneo e amigo de Meyer, afirma que as reticências constituem a maior conquista do pensamento ocidental e as define como “os três primeiros passos do pensamento que continua por conta própria o seu caminho” (Quintana, 2005, p. 315) É justamente isso que Meyer faz, as palavras são interrompidas, mas os pensamentos continuam por conta própria a sua manifestação.

“quantas vezes me abismara:  
água clara... alma profunda...”  
[...]  
“Aprendi a ser bem cedo  
segredo de algum segredo



imagem, sombra de imagem...”

Segundo Carvalho (1984, p. 222):

ao final do poema é que o sujeito revela ter aprendido desde bem cedo ser “segredo de algum segredo, imagem, sombra de imagem”, os segredos, a imagem e a sombra, que configuram no conhecimento do ser, só podem ser entendidos no movimento de retrocesso, de reflexão sobre o já feito, de tudo já vivido até ali e dessa eterna busca de si mesmo, descobrindo que sua personalidade é dividida e que seu duplo, o “Outro” é apenas a sombra do Eu e que sua busca, por mais dolorosa que seja, jamais terá um fim.

Levando em conta a análise da prosa e da poética em questão, a primeira de Machado e a última de Meyer, podemos destacar que ambas apresentam como tema central a questão do desdobramento do ser. De um indivíduo que se imaginava uno e de repente se depara duplo. O protagonista do conto de Machado, ao se olhar no espelho sem a farda (sua alma exterior) o que vê é justamente o que o eu-lírico de Meyer vê: “sombra de sombra” (MEYER, 1957, p. 14), “feições derramadas e inacabadas, uma nuvem de linhas soltas, informes” (ASSIS, 1992, p.351), alguém que busca o encontro entre alma interior e alma exterior, não sabendo se tal encontro pode ser efetivado.

Outra semelhança é o fato da ironia, porém mostrada de forma distinta pelos autores. Machado ironiza a sociedade que precisa de padrões para satisfazer seus caprichos, Jacobina se vê sem sua alma exterior, pois na casa não há ninguém que o elogie, nem que o intitule “Senhor Alferes”, é como se sua alma exterior estivesse ligada a vaidade que sente em estar vestido (mascarado) com a farda, esta funciona como esconderijo (para não ver quem de fato é, um ser humano como qualquer outro), ou como um dos elos de união entre alma interior e alma exterior (sendo o ele principal, o espelho). Já Meyer ironiza a própria busca de si mesmo, pois afirma que a questão de se ver duplo é uma cisma vagabunda que jamais terá solução; é como se o eu-lírico ironizasse a si próprio, dizendo que por mais que ele tente, sua busca é e será sempre inútil.

Podemos notar ainda diferenças entre as obras. O eu-lírico de Meyer se vê refletido nas águas da Sanga por acaso; e neste acaso, mesmo sabendo que possui uma personalidade cindida e que sua busca é infinita, tenta encontrar-se de fato. O personagem de Machado descobre-se duplo por necessidade, pois ao encontrar-se sozinho na fazenda, seu maior receio é de olhar-se no espelho e ver não a si próprio e sim ao Outro que vive dentro dele,



mas com o passar dos dias, sente necessidade de encontrar-se duplo, lhe era de suma importância recuperar sua alma exterior; e ao olhar-se no espelho com a farda de alferes, percebe que sua alma exterior estava dentro do espelho, escondida em seu reflexo fardado, desta forma, o “Senhor Alferes” sente-se realizado interior e exteriormente, pois a farda e o espelho unem suas almas.

Um outro ponto em que poema e conto seguem linhas diferentes é que neste último, Jacobina consegue encontrar sua alma exterior e sua busca, mesmo que imatura, chega ao fim, pois ao se ver refletido no espelho, consegue unir, mesmo que em poucos momentos do dia, alma exterior e alma interior; já o eu-lírico de Meyer, por mais que tente encontrar a si mesmo, jamais o faz de fato, sempre se depara com o Outro, com o ser desconhecido, que, quando parece estar próximo, acaba desaparecendo, sendo apenas sombra de imagem. A busca deste último parece ser constante e infundável. Ao passo que o primeiro une as duas almas que o ser possui, o segundo (o eu-lírico) afirma que aprendeu “a ser bem cedo/segredo de algum segredo/ imagem, sombra de imagem...” (MEYER, 1957, p. 14), ou seja, aprendeu que por mais que tente encontrar esse ser desconhecido, o seu duplo, sabe que não conseguirá, pois ao pensar que está perto do encontro, o seu duplo se converte em apenas sombra ou até mesmo, sombra de imagem, algo que desaparece em um instante.

Apesar de algumas divergências entre o conto de Machado e o poema de Meyer, cada autor possui sua forma específica de manifestação do mito do duplo em suas obras, porém, deixando claro que tal mito configura na busca de si mesmo, e o duplo permanece indiscutível tanto na prosa de um quanto na poética do outro. O duplo de Machado, assim como o revelado por Meyer, fazem parte da concepção de duplo que se criou com o *boom* do romantismo alemão, com o fato de o indivíduo não se reconhecer na sociedade em que vive e por isso se vê dividido entre o que é e o que gostaria de ser, e duplicado, pois tornar-se alguém que busca constantemente conhecer a si mesmo e ao passo que se conhece, se desconhece cada vez mais. O duplo da personagem de Machado é o ser dividido entre o que é e o que gostaria de ser, ao passo que o Eu e seu Duplo só se unem quando o Eu está em frete ao espelho vestido com a farda de alferes. Já o duplo do eu-lírico de Meyer sempre lhe escapa aos olhos, é o ser que ele busca constantemente encontrar, mas toda vez que pensa estar próximo de conhecer-se, se vê de frente do outro que sempre se configura em sombra ou imagem, jamais em algo que pode ser visto e conhecido de fato.

Observamos que o duplo, tanto em Machado quanto em Meyer, são criados através



de um conflito psíquico, projetando uma desordem íntima, e o preço a pagar pela libertação é o encontro consigo mesmo, que configura no encontro com o Outro, que é justamente o desconhecido. A busca de si torna-se o meio de expressar o contato, para além de si mesmo, para conhecer-se melhor e descobrir que além do eu, existe também o outro, ser múltiplo e próprio da condição humana.

Conforme se ressalta, na Literatura Brasileira um dos pioneiros a expor o conflito da personalidade humana foi Machado de Assis e, na obra de Meyer, o mito do duplo acha-se hoje vivo e produtivo.

Permeável às modificações, o duplo tanto se presta à ambição totalizante dos românticos - que pretendem refletir-se no eu finito o mundo infinito - ou até mesmo a naturalidade dos realistas - que buscam representar conflitos do ser humano com a maior naturalidade com que os mesmos aparecem -, esse eu que estabelece e por vezes aceita seu caráter de fragmento, considerando que ao residir uma perspectiva de enriquecimento e de diálogo com o mundo, é como se fosse uma visão contemporânea de um otimismo construído, racional, que ao soar a hora do absurdo viu-se temperado pela pintura de um eu que já nem sequer é capaz de assegurar sua existência sem ter o conhecimento de o “Outro”, que é parte dele existe e é alguém que deseja-se conhecer (BRUNEL, 1998, p. 278).

O Duplo está apto a representar tudo o que nega a limitação do Eu, a encenar o roteiro fantasmático do desejo. Observamos no eu-lírico um grande desejo de conhecer-se e ao mesmo tempo conhecer esse Outro que habita dentro dele, dessa forma, a diferença dentro do eu é o que vai permitir um diálogo, um reencontro, até mesmo uma solidariedade com o outro. A desapropriação já não significa um empobrecimento, uma nadificação do ser, mas uma possibilidade de enriquecimento. A ambigüidade, a incerteza, a indecisibilidade que fazem parte do refinado jogo de trocas entre o Eu e o Outro confundem a referência, ao expressarem uma dúvida sobre o real, dúvida graças à qual é cabível imaginar que o individual poderá ser superado e que o indivíduo não existe sozinho e sempre que busca encontrar-se, dará de frente com o Outro, com o desconhecido, o seu Duplo.

Entretanto, devemos observar em Machado e em Meyer, autores que tentaram desvendar e reavivar o mito do duplo, mostrando-nos que o Outro não é o sócio, o gêmeo ou até mesmo alguém que se passa por nossa consciência, nos condenando quando cometemos algum deslize, vai mais além. O Outro é parte de cada um e faz parte de cada



ser, possuímos uma personalidade cindida que muitas vezes oscila entre o bem e o mal, ou em outras vezes buscamos conhecer nosso ser, mas ao passo que buscamos esse conhecimento, vemos que há uma parte totalmente desconhecida que nos foge aos olhos e nos escapa sempre que imaginamos estar próximos a ela. Evidenciamos que utilização do mito do duplo por Machado e a atualização deste feita por Meyer, parte do pressuposto de que esse duplo realmente existe, não é apenas fruto de nossa imaginação. Ele habita e se faz presente na personalidade de cada ser humano, mostrando que a perfeição do ser Uno não existe, o que existe de fato é um ser Duplo ou até mesmo múltiplo, dotado de complicações e especulações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Machado. *O espelho: esboço de uma teoria d alma humana*. In: \_\_\_\_\_ Obra Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. vol. II. p. 345-352.
- BAKHTIN, Mikhaïl. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Edunb & Hucitec, 1996. 3 ed.
- BOSI, Alfredo [et al]. *Machado de Assis*. Coleção Escritores Brasileiros. Antologia & Estudos. São Paulo: Ática, 1982.
- BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Tradução de Carlos Sussekind... [et al]. Rio de Janeiro: José Olympo, 1998. 2 ed.
- CANDIDO, Antônio. *Esquema de Machado de Assis*. In: \_\_\_\_\_ Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 17-39. 3 ed
- CANOVAS, Suzana Yolanda L. Machado. *O universo fantástico de Murilo Rubião à luz da hermenêutica simbólica*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *O Crítico à Sombra da Estante*. Porto Alegre: Globo, 1976.
- \_\_\_\_\_. *A Evidência Mascarada. Uma Leitura da Poesia de Augusto Meyer*. Porto Alegre: L & PM, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Melhores Contos de Augusto Meyer*. Porto Alegre: Global, 2002.
- MELLO, Ana Maria Lisboa de. *Poesia e imaginário*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- \_\_\_\_\_. *As faces do duplo na literatura*. In: \_\_\_\_\_ INDURSKY, Freda. Discurso, memória, identidade. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.
- MEYER, Augusto. *Poesias (1922-1955)*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1957.



Travessias número 01 [revistatravessias@gmail.com](mailto:revistatravessias@gmail.com)  
Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte.

---

PAZ, Octavio. *Os Filhos do Barro: do romantismo à vanguarda*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

RANK, Otto. *O Duplo*. Tradução de Mary B. Lee. Rio de Janeiro: 1939. 2 ed.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva 1975.